Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo **Class.:** P/X- Quarup/Visitas

Data: 20/08/85 **Pg.:** 721

Quarup

Na 'festa dos mortos', os pedidos do Xingu

MARIA LUIZA JACOBSON
Repórter da Sucursal de Brasília

— Onde está o ministro?

— Está na cabana, dormindo.

— Vá chamá-lo para vir chorar um pouco com os índios.

Faltavam poucos minutos para as 19 horas. O cacique Raoni, por sugestão do indianista Olympio Serra, levantou-se e foi acordar o ministro da Cultura, Aluísio Pimenta — representante do presidente Sarney à festa do Quarup, ritual sagrado em que os índios homenageiam seus mortos ilustres —, que dormia na cabana do cacique Aritana.

Aluísio Pimenta chegou e, sorridente, como é de seu feitio, sentou-se num banquinho baixo, entre as índias que, sentadas no chão, começavam o ritual das lamentações, que se prolongaria por toda a noite. O momento é de dor. Atento à expressão alegre do ministro, Olympio Serra aproxima-se e lhe diz ao ouvido o quanto é importante que ele esteja ali a chorar com os índios, não só os mortos que estão sendo homenageados, mas os milhares de índios que foram mortos no Brasil. O ministro entende e fica sério.

Se o brilhantismo do Quarup depende, como dizem os índios, do número de convidados presentes, o deste ano deve ter sido, de longe, o mais brilhante. Embora o presidente Sarney não tenha podido comparecer — segundo Aluísio Pimenta explicou aos índios, por estar acabando de chegar do Uruguai e tendo ainda que preparar sua viagem à ONU, nos Estados Unidos, em setembro — compareceram três ministros. Além de Aluísio Pimenta, da Cultura, que chegou no sábado, no domingo chegaram também Almir Pazzianotto, do Trabalho, e Ronaldo Costa Couto, do Interior. O ministro da Justiça, Fernando Lyra, foi representado por seu assessor, Marcos Lins. Além da comitiva dos ministros, dois aviões Búfalo despejaram no Xingu 64 jornalistas (brasileiros e estrangeiros), assessores, cineastas, artistas plásticos, e a viúva de Glauber Rocha, Paula Gattai que, apesar de não constar da lista de passageiros, ou de convidados, conseguiu embarcar, explicando que Glauber, quando vivo, demonstrou sempre uma imensa vontade de conhecer o Quarup.

A preparação para a festa começou duas semanas antes, quando os índios sairam para pescar os peixes que iriam oferecer aos convidados. Nessa data foram também cortados os troncos que representariam os mortos. Ficaram escondidos no mato até o dia da festa, porque as mulheres não podiam vê-los enquanto não estivessem prontos. No dia da festa os troncos foram fincados sob uma paliçada preparada para recebê-los, e esculpidos e pintados pelos homens. Desenhos em forma de quadrado adornaram os Quarup, representando espíritos masculinos, e em forma de losango, os femininos. Prontos os desenhos, as mulheres e crianças enfeitaram-nos com cocares, colares e faixas coloridas.

Preparando o corpo

Dois tocadores de flauta Uruá, uma flauta com quase três metros de comprimento, enfeitados com cocares e colares de cores vivas, e guizos amarrados nos tornozelos, percorrem a aldeia, durante o dia, entrando de cada em casa para, com sua dança e sua música, alegrarem o ambiente. À tarde começam a chegar os convidados das tribos vizinhas. Atravessam o rio Tatuari de canoa, e oferecem um quadro, no mínimo, pitoresco: os cocares de penas coloridas, os colares de unhas e dentes de onça ou de macaco, contrastam com as camisetas de Mickey Mouse, as mochilas de cores vivas, os potentes gravadores e as reluzentes bicicletas.

A preparação do corpo para a festa propicia um momento de descontração e confraternização. Os que vão lutar "huka-huka" (pronuncia-se ruca-ruca) no dia seguinte — esta luta é o ponto alto da festa, e Aritana, o cacique da tribo anfitriã, vem se revelando o grande campeão, desde 1970 — são submetidos a uma sangria, feita com dentes de peixe-cachorra. Os dentes de peixe são passados profundamente nos músculos dos braços, peito, costas e coxas, provocando um intenso sangramento que, segundo eles, aumenta a resistência e impede o cansaço. É aplicada, em seguida, uma erva — timbó — anestésica, cicatrizante, coagulante e antiinflamatória. Os lutadores de huka-huka não dormem na véspera da competição, para não sonhar. Acreditam que, se tiverem um sonho ruim (em que escorreguem e caiam, por exemplo) perderão a luta.

Os demais índios, com toda a naturalidade, tiram os calções, única peça de roupa que vestiam no momento e, sem se intimidarem com as dezenas de jornalistas presentes, ou com as câmaras de televisão, passam óleo de piqui no corpo. Esfregando as mãos no carvão, pintam o coro de preto e, em seguida, capricham nos desenhos de cor vermelha, formando figuras geométricas, feitos com tinta extraída do urucum. Olham-se ao espelho, riem, pintam-se uns aos outros nos lugares onde não alcançam, nas costas, e insistem para pintar alguns jornalistas (e o fazem).

O governo, na festa

O convite às autoridades brasileiras para participarem da festa na reserva indígena do Xingu visou inaugurar um novo estilo de convivência entre os índios e os brancos. Cansados de ver sua realidade retratada por pessoas alheias à sua cultura, e preocupados com a sobrevivência e a preservação de suas tradições, os índios resolveram mostrar ao vivo, sem intermediários, como são, como pensam, e como vivem. "Esperamos que, ao ver a realidade do índio, um índio puro, sem mistura nenhuma, o governo se sensibilize e ajude a defender a terra desse povo", diz o índio Megaron, 34, da tribo Txucarramãe, diretor do Parque do Xingu. O cacique Aritana, 35, dos Yawalapiti, acha importante que os brancos conheçam os cosvumes indígenas, para aprender a respeitá-los. "Tenho medo de que, mais para a frente, acabem com nossa tradição. Os mais novos já querem assimilar os costumes dos brancos e não querem voltar mais para a aldeia". Marcos Terena, 30, assessor para assuntos indígenas do Ministério da Cultura, e candidato à Assembléia Nacional Constituinte, defende a demarcação das terras indígenas, para que os índios possam preservar sua identidade cultural.

Os ministros presentes à festa ouviram muitas reivindicações nesse sentido, mas pouco ou nada puderam prometer. Pazzianotto limitou-se a ouvir, dizendo que não era sua área. Aluísio Pimenta sorriu muito e concordou com tudo. Apenas o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, apresentou um fato concreto, e que deixou os índios felizes: a notícia de que o governo estava providenciando o pagamento de uma faixa de quinze quilômetros (avaliada em cerca de Cr$ 14 bilhões), desapropriada pelo governo anterior e ameaçada de invasão pelos fazendeiros, que ainda não haviam sido indenizados.

Todos com brincos e colares

"Índio não é só festa", disse Costa Couto. "Índio é irmão da gente. Índio sofre muito. Temos muito a aprender com os índios".

Hospitaleiros, os índios ofereceram aos ministros ricos cocares, brincos de penas, colares, cestas, arcos e flechas. Em nome do presidente Sarney, cada cacique recebeu uma caixinha de missangas.

Exímios artesãos, os índios presentes ao Quarup mostraram (e venderam) verdadeiras obras de arte, em termos de colares, pulseiras, brincos, cerâmica etc. Colares de unhas de onça, dentes de macaco, conchas ou mesmo coco trabalhado, variam no preço de acordo com a malícia da tribo. Mas, mais que dinheiro, eles ainda preferem as trocas. Nesse mercado, nada vale tanto quanto pilhas grandes, para gravador. Por não dispor de duas pilhas, o filho do ministro Pazzianotto, Paulo, de 12 anos, deixou de trazer para Brasília um casal de periquitos. O dono das avezinhas foi irredutível: não aceitou dinheiro, nem os três canivetes que o garoto ofereceu. Sem se dar por vencido, Paulo foi o único a ser visto, em vez de comprando, vendendo aos índios: um dos canivetes foi vendido por Cr$ 15 mil. Ele também não aceitou trocas.

"Felizes e livres"

Mais ainda que trocar, o índio gosta de ganhar. Se você não oferecer, não se preocupe, que ele pede. Com um grande sorriso, e muita simpatia, parecendo crianças grandes, te chamam e te pedem: pedem cigarros, bolachas, espelhos, sabonetes, balas, pilhas e dinheiro. Esfregando o polegar nos dedos médio e indicador, simbolizando dinheiro, o índio se aproxima e pergunta: "Sobrou? Dá pra mim".

Num documento distribuído aos jornalistas antes da viagem, Ianoculá, índio Kamayurá, do Parque Indígena do Xingu, explica a finalidade dos convites como uma tentativa de sensibilizar as autoridades para questões vitais para eles, como garantia e efetiva demarcação das terras indígenas, assistência real às comunidades nas áreas de saúde, educação e projetos comunitários. Pedem o apoio incondicional da "Nova República", e o reconhecimento definitivo de seus direitos históricos.

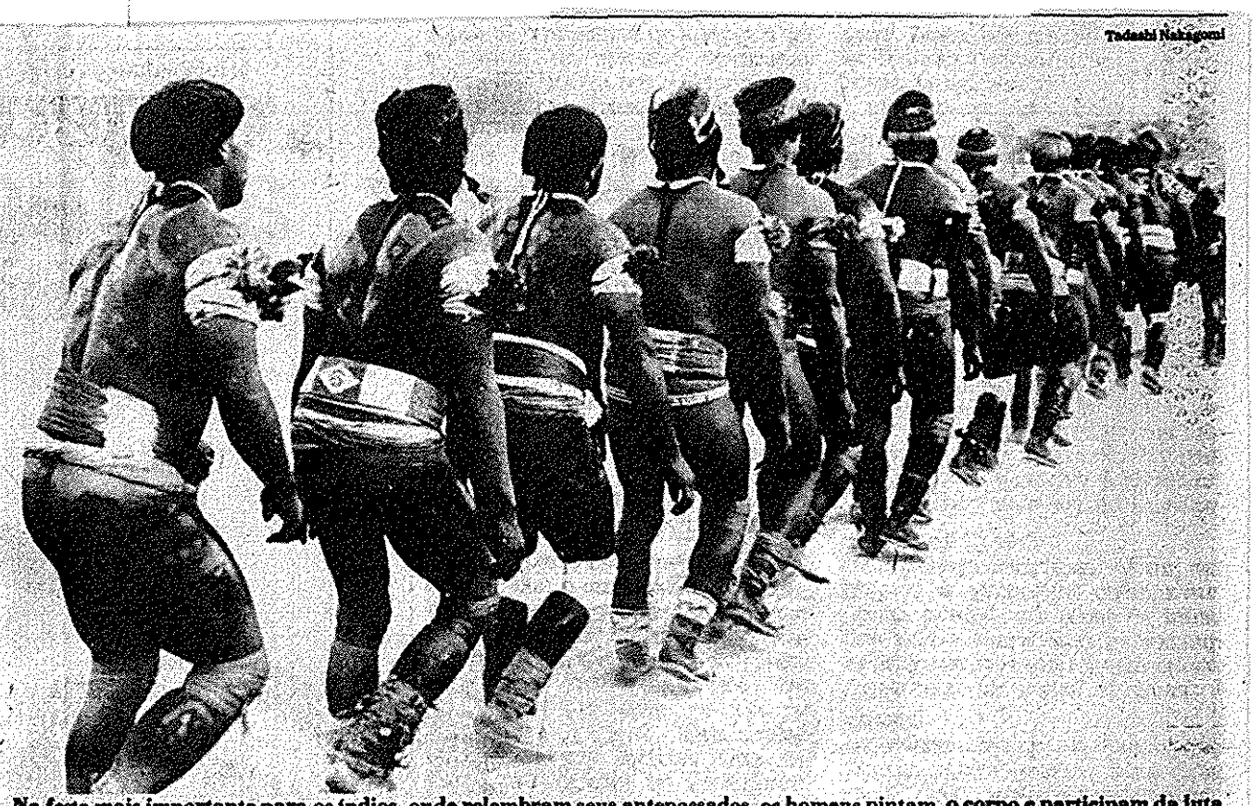
"De posse da terra", diz ele, "acreditamos numa coexistência pacífica e harmoniosa com a sociedade envolvente. Podemos até participar do desenvolvimento nacional, mas jamais deixaremos nossa tradição cultural, nosso conhecimento secular das matas e das técnicas de sobrevivência. Em nosso sistema de vida, desconhecemos a miséria, a fome e as desigualdades sociais. Nós somos felizes e livres".

Somos livres e felizes

Segundo Aritana, o cacique dos Yawalapiti, que inspirou a novela da extinta TV Tupi, onde foi interpretado por Carlos Alberto Riccelli, Quarup significa "alegria do sol". O ritual relembra o mito da criação indígena, pelo herói Mavutzinin. Conta a lenda que ele modelou cinco troncos de árvore e, depois de, em profundo estado de concentração, cantar e tocar maracás durante um dia e uma noite (um sol e uma lua), os troncos ganharam vida e começaram a mover-se, a princípio com gestos lentos e pesados, tornando-se cada vez mais ágeis. A esses homens, em que se transformaram os troncos, Mavutzinin ensinou a tomar banho no rio ao nascer do sol, a assobiar para alegrar a vida e a fazer amor de manhã bem cedo, antes do sol nascer. Mavutzinin tentou, depois, através do mesmo processo, ressuscitar os mortos. Representou-os por troncos de árvores (Quarup) pintados e enfeitados com objetos de uso pessoal do falecido, que deveria ser ressuscitado por seus cânticos. Mavutzinin impôs, como condição indispensável para a ressurreição, que o ritual não fosse presenciado por ninguém. Como não foi obedecido (surpreendeu um índio querendo aprender a "mágica"), irritou-se e proclamou que, daí em diante, os mortos não mais voltariam à vida no Quarup.

Os mortos ilustres (parentes dos caciques) continuam, no entanto, sendo homenageados nessa festa, que marca a passagem do período de luto e tristeza, para um período de alegria, quando a própria natureza reage e retoma o gosto pela vida. O Quarup deste ano homenagearia três mortos: a filhinha de Aritana, morta aos dois meses, e dois sobrinhos do cacique Takumã, da tribo Kamaiurá: Maraukapá, de 16 anos, e Menhu, de 17, mortos por intoxicação. Devido ao grande número de convidados, os índios acharam que três Quarup (os troncos representando os mortos) não seriam suficientes e resolveram homenagear mais três antepassados, entre os quais a avó de Aritana.

Quando a constelação das Plêiades aparece no céu do Mato Grosso, é sinal de que é verão no Xingu. É tempo de seca, é tempo de festa. Como não há cabanas suficientes para abrigar os convidados das outras aldeias, que são obrigados a acampar nas matas próximas à aldeia anfitriã, dormindo ao ar livre, é importante que as festas não ocorram no período de chuva. Nove aldeias participaram do Quarup este ano: os Yawalapiti, Kamayurá, Meheinaco, Waurá, Matipu, Nafukua, Kalapalo, Aweti e Kuikure, todas remanescentes dos grupos linguísticos Aruak, Karibe e Tupi.



Tadashi Nakagomi

Na festa mais importante para os índios, onde relembram seus antepassados, os homens pintam o corpo e participam da luta